

UM EVENTO, VÁRIOS GÊNEROS: AS INTERRELAÇÕES FORJADAS ENTRE GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Laura Jorge Nogueira Cavalcanti (UFPE)
laura.jnc@gmail.com

Introdução

A mídia jornalística vem a algum tempo, dedicando bastante espaço ao tema da educação, muitas vezes no sentido de apontar falhas no sistema educacional brasileiro, exercendo seu suposto papel de guardião da sociedade. Na segunda semana de maio de 2011 uma notícia irrompeu através de vários veículos e meios noticiosos – o Ministério da Educação e Cultura (doravante MEC) haveria adotado um livro didático, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que não só conteria erros gramaticais de português, como incentivaria aos alunos a empregar esses erros. O livro, adotado para o Programa de Ensino a Jovens e Adultos (EJA), tem o título de *Por uma vida melhor*, e um capítulo “Escrever é diferente de falar” de onde se retiraram os excertos que incendiaram uma polêmica e propiciaram a geração de variados gêneros jornalísticos.

O objetivo do presente trabalho, porém, não é posicionar-se quanto ao material aprovado, ou entrar na discussão sobre como e por que ensinar a nossa língua materna. Pretendemos, contudo, lançar mão dos textos jornalísticos (especificamente aqueles produzidos e veiculados pelos jornais *online* Estado de São Paulo¹, Gazeta do Povo² e Folha de São Paulo³) que emergiram, a fim de examinar as relações que se estabelecem entre os gêneros produzidos nesta conjuntura. A maior parte dos textos coletados foi identificada como sendo composta de notícias. Em segundo lugar, temos artigos de opinião (dentro de seções de opinião ou colunistas). Encontramos também exemplares de editoriais e reportagens.

Tabela 1 Exemplares de gêneros coletados

	Estado de São Paulo	Folha de São Paulo	Gazeta do Povo	
Notícias	08	04	02	14
Artigos de opinião	05	01	07	13
Reportagem	0	0	02	02
Editorial	01	0	0	01
Total	14	05	11	30

Fonte: Elaboração própria.

Tradicionalmente, nos estudos de gêneros, os exemplares encontrados seriam examinados à parte, cada um apresentado suas especificidades. Porém, nas primeiras leituras do *corpus*, sentimos intuitivamente que as notícias, os artigos de opinião e demais gêneros, apresentavam alguma dinâmica entre si, ou seja, compunham um todo significativo dentro da conjuntura em que circularam. Seguindo a atual tendência a ver os gêneros em geral como integrando complexos agrupamentos e mantendo relações de interinfluência, procuramos responder algumas questões como, por exemplo: Qual a melhor forma de olhar para esse agrupamento? Para determinar isso, examinaremos como funcionaria um sistema de gêneros,

¹ <http://www.estadao.com.br/>

² <http://www.gazetadopovo.com.br/>

³ <http://www.folha.uol.com.br/>

segundo os traços descritos por Bazerman (2005) e uma rede de gêneros segundo a visão de Swales (2004), dentre outros conceitos abordados por Spinuzzi (2004) e examinados em Bezerra (2011). Outras questões que podem nos ajudar no entendimento geral dessa dinâmica são: Quais as relações intertextuais e interdiscursivas entre os gêneros? Quais os pontos de aproximação e de distanciamento? O que isso quer dizer em relação ao funcionamento desses gêneros no escopo do domínio jornalístico e da sociedade em geral?

Primeiramente abordamos a questão da identificação e caracterização de cada um dos gêneros coletados, partindo de leituras previamente realizadas e também das noções que circulam no senso comum sobre esses gêneros. A proposta de nosso estudo é analisar a dinâmica entre os exemplares da perspectiva da recepção, ou seja, como podem ser considerados conjuntamente esses gêneros pelos leitores dos jornais e como isso afetaria a ação geral desenvolvida pelo conjunto.

Tendo estabelecido em linhas bastante gerais a caracterização dos gêneros, partimos para uma análise das relações intertextuais e interdiscursivas entre eles. Para tanto, nos apoiamos nos conceitos desses fenômenos apontados por Fairclough (2001). Entendemos que a análise crítica pode elucidar relações que passariam despercebidas pelo leitor desavisado, e assim, realizariam um trabalho de influência ideológica velado.

Em seguida, tendo em vista os resultados do exame intertextual e interdiscursivo dos gêneros coletados, abordamos as diferentes formas de se tentar perceber e agrupá-los, partindo dos critérios apontados por Spinuzzi (2004) para a consideração dos diferentes conceitos disponíveis. Agregamos a essa discussão as ideias de Bonini (2011) sobre mídia, gênero e hipergênero por apresentar também uma forma de conceber as relações entre os gêneros do domínio jornalístico.

Ao final, realizamos uma breve discussão sobre como as interrelações forjadas entre os gêneros atuaram na conjuntura social em que foram elaborados. Deste modo, nosso trabalho é realizado de forma ascendente, partindo dos gêneros para a estrutura social.

1. Notícia, artigo de opinião, reportagem e editorial: principais distinções

Antes de qualquer coisa, cabe esclarecer que, apesar de partirmos de noções do senso comum dos gêneros examinados para descrever de que forma eles normalmente são recebidos pelos leitores em geral, entendemos que essas noções devem ser complementadas por uma visão crítica dos mesmos. Sendo assim, nossa percepção de uma notícia, por exemplo, é diferente da tradicional definição como um texto factual, neutro ou desprovido de posicionamentos. Hoje já é bastante aceito que as notícias apresentam versões dos fatos, que são construídas sobre fundações ideológicas mais ou menos evidentes, e que podem ser acessadas pelo léxico selecionado, pela forma que as palavras de outros são representadas, dentre outros recursos. Bonini (2011, p. 691), afirma que (grifos do autor):

Em uma *notícia*, por exemplo, a prática social, à primeira vista, é o *relato de um acontecimento recente*, envolvendo ações de textualização (como a organização em pirâmide invertida), de produção (como as de apuração do fato), e de compreensão (a exemplo da leitura da manchete e do lide como meio de se tomar a decisão sobre se se deve ler ou não o restante do texto). As práticas variam de acordo com o olhar que se lança sobre elas: em vez de *relato de um acontecimento recente*, uma notícia pode ser uma pressão sobre o governo, realizada por determinados grupos sociais.

Assim, lançamos um olhar crítico sobre as notícias e, além disso, buscamos evidenciar através das relações que a notícia estabelece com os outros gêneros explorados, que não se trata apenas de um “relato de um acontecimento recente” pura e simplesmente.

Outro comentário é referente à fonte das notícias. Nem todas as notícias são redigidas e publicadas por quem vivenciou/testemunhou diretamente o evento representado. Muitas vezes as notícias são construídas a partir de notas que surgem em outros veículos jornalísticos (aqueles considerados de maior prestígio são normalmente os que ditam a agenda/pauta), a partir de relises (informações geradas pelas assessorias de imprensa de um dos participantes do evento), dentre outras fontes (McCOMBS, 2009; VAN DIJK, 1988). Isso não quer dizer que as notícias serão fieis em tudo às suas fontes, ou muito menos que são cópias dos textos das fontes. Mas, assim como normalmente jornais menores se inspiram em jornais mais prestigiados para selecionar suas pautas, os jornalistas tendem a adotar a visão hegemônica dos fatos/eventos desses veículos maiores. Esse alinhamento é visível e passível de análise, por exemplo, em termos de intertextualidade entre os vários textos produzidos no domínio jornalístico.

Ao tentar delinear as características próprias de cada gênero coletado, além da notícia, reconhecemos que não é tarefa simples e muito menos nos propomos a tecer definições conclusivas aqui. Buscaremos, dentro do escopo e foco deste estudo, esboçar traços gerais caracterizadores dos gêneros coletados que contemplem também sua inserção nas práticas noticiosas. Guiando-nos pelos critérios apontados por Bonini (*apud* BAZERMAN; BONINI; FIGUEIREDO, 2009) as características dos gêneros podem ser determinadas levando em consideração seus (i) propósitos, (ii) aspectos de produção, recepção e papéis sociais envolvidos, (iii) organização retórica e (iv) nomenclatura. Como os textos todos fazem parte do domínio jornalístico e por falta de espaço para desenvolver um estudo para a definição propriamente dita dos exemplares coletados, nos resumiremos a expor o que distingue cada gênero dos demais, levando em consideração os critérios supracitados. Afinal, o próprio Bonini (2001), chegou à conclusão de que:

o jornalista reconhece os demais textos pela diferença ou similaridade com a notícia, não em função exatamente das partes características do texto noticioso, mas dos aspectos práticos envolvidos na instauração do gênero. Como a objetividade e a isenção são critérios para se construir o relato jornalístico, [...] elas podem ser tomadas pelo jornalista como traços distintivos dos textos com os quais tem contato. (BONINI, 2001, p. 5).

Assim, temos que a definição da notícia (e de outros gêneros do jornal) passa pela sua diferenciação em relação aos demais gêneros. A notícia, gênero prototípico no jornalismo, é definida pelos jornalistas [e no senso comum] como o texto que se abstém de argumentação, da opinião pessoal e é produzida pelo jornalista, especificamente. Além disso, deve funcionar de forma a relatar os aspectos mais importantes do evento reportado.

Já o artigo de opinião, como o próprio nome indica, deve conter predominantemente sequências argumentativas e expor o posicionamento do escritor (que teoricamente poderia ser qualquer um, mas que sabemos, normalmente é reservado aos “especialistas”, a depender da área de que se está tratando). Neste sentido o artigo de opinião é bastante similar ao editorial. A principal diferença entre o artigo e o editorial está na questão da autoria – um (artigo) carrega um ponto de vista subjetivo, outro (editorial) deve expor o ponto de vista da instituição jornalística sobre algum evento, que normalmente é noticiado na mesma edição. Ressaltamos que a relação entre o editorial e a notícia é bastante peculiar, pois, apesar de a notícia se supor objetiva e neutra, o editorial, que comenta a notícia, precisa expor um posicionamento. Podemos questionar que tipo de interinfluência ocorre ao serem publicados em uma mesma edição (como deve ser). Desse ponto, por exemplo, decorre a importância de perceber esses dois gêneros (e outros) em conjunto.

A reportagem, como aponta Bonini (2009), deveria ser vista em um *continuum* em relação à notícia, já que traz muitos aspectos similares, mas que, a depender do gênero

reportagem (segundo o autor há vários), pode se afastar bastante do gênero notícia (como é o caso da reportagem de opinião). Sendo assim, selecionamos dois exemplares como reportagens de opinião (segundo os critérios apontados por Bonini) por demonstrarem os pontos de vista e reações ao tema em questão de atores sociais não envolvidos diretamente nas questões de debate (o que as notícias já fazem).

Gostaríamos de comentar mais uma vez que o esboço realizado é baseado em parte da nossa própria reflexão, conhecimento intuitivo e de leituras prévias acerca dos gêneros tratados. Além disso, as tentativas de caracterização traçadas acima tratariam de exemplares prototípicos de cada gênero, o que não é sempre encontrado no mundo real.

2. Relações intertextuais e interdiscursivas

As relações intertextuais têm sido bastante exploradas em várias linhas de pesquisa, inclusive nas pesquisas que envolvem estudos de gêneros, remontando, nessa área, até aos estudos *bakhtinianos*. Partindo desses estudos, podemos entender o funcionamento intertextual dos gêneros ao fazer um paralelo com o funcionamento dos enunciados (BAKHTIN, 2010). Assim como qualquer enunciado é construído sobre a fundação de outros enunciados, qualquer gênero é construído sobre outros gêneros antecedentes. Além disso, da mesma forma como os enunciados existem em resposta a enunciados que ainda estão por vir, os gêneros podem ser vistos como antecipações de outros gêneros (novos ou existentes) que serão gerados a partir deste. A partir da adoção da perspectiva encadeada dos textos, em que se aceita que os textos carregam traços de outros textos, vários estudos foram desenvolvidos sobre o fenômeno da intertextualidade e tomaram variados rumos. Para nosso estudo, lançamos mão, assim como Swales (2004), da forma de conceber esse fenômeno apresentada por Fairclough (2001). Para o autor, a imbricação entre os gêneros é evidenciada pelos traços intertextuais presentes neles, sejam eles marcados ou não.

2.1 Análise Interdiscursiva dos exemplares

De acordo com Fairclough (2001), a questão da interdiscursividade diz respeito às formas em que alguns gêneros incorporam características formais de outros gêneros. Em outros estudos, esse fenômeno, que pode ocorrer de variadas formas, também é chamado de *hibridismo*, *imbricação*, *mistura* de gêneros, dentre outros termos (BHATIA, 2009). Nas palavras de Fairclough (2001, p. 137): “introduzirei o novo termo ‘interdiscursividade’ [...] para enfatizar que o foco está nas convenções discursivas e não em outros textos”. De certa forma o autor simplifica a noção para incorporar qualquer tipo de relação que envolva a estrutura, o estilo e outras propriedades que não necessariamente o texto em si.

Iniciando pelas reportagens de opinião coletadas, observamos que estas se mantêm em linha com a organização retórica atribuída ao gênero apontada por Bonini (2011) e em que nos baseamos: (i) traz no título o aspecto mais evidente do evento/tema, (ii) na introdução, recapitula o fato noticiado e aponta para o tema em discussão, (iii) no corpo do texto, realiza citações de fontes, provê informações extra sobre o assunto e contextualiza situacionalmente e historicamente o tema. Nas duas reportagens analisadas, o recurso às citações foi extremamente proeminente em relação aos outros elementos de composição do gênero, de forma que as reportagens parecem criar uma arena onde os falantes trocam ideias no desenvolver do texto, muito à maneira de um debate. O gênero debate, bastante difundido, é marcado pela alternância de falas e de opiniões sobre um mesmo tema em que cada turno de fala é uma oportunidade de se argumentar o seu ponto de vista sobre o tema.

Da mesma forma que as reportagens, as notícias encontradas, apesar de manterem a estrutura genérica (título, subtítulo, lide, etc.) e movimentos retóricos (resumo dos fatos,

contextualização, detalhamento, citação de outras partes) (VAN DIJK, 1988) correspondentes às suas configurações genéricas, parecem incorporar o estilo retórico também do debate. Isto fica bastante evidente quando examinamos todos os textos em conjunto. O elemento que identifica e distingue a notícia dos demais textos, é a presença de um lide, aparentemente objetivo e factual, que responde às perguntas de quem, como, quando, e onde. Segundo Bonini (2001), as notícias prototípicas têm necessariamente que responder a essas perguntas. Dessa forma, outros elementos como comentários de várias partes e reações ao evento não seriam movimentos obrigatórios. De acordo com Van Dijk (1988) as reações verbais dos participantes do evento em questão, e de participantes secundários, principalmente, nem sempre são pré-requisito ou elemento obrigatório nas notícias. Porém, em grande parte das notícias examinadas, predominam as reações verbais e comentários a respeito do tema. Sendo assim, cada notícia, na verdade, mais do que informar sobre o evento, serve para expor os argumentos dos participantes no grande debate sobre ensino de língua materna. O jornalista assume um papel como que de mediador (que remete à própria natureza do trabalho jornalístico), que reúne os argumentos e os organiza no texto da notícia. Este papel, tido como natural para o jornalista tem raízes, na verdade, no mito da objetividade e neutralidade na prática jornalística. Uma visão mais crítica dos textos pode apontar como cada notícia sub-repticiamente tende para um lado ou outro da questão.

Os artigos de opinião e editorial, pela sua qualidade predominantemente argumentativa, se inserem naturalmente nesse grande debate e formam verdadeiras plataformas para encontros discursivos entre os gêneros coletados, contendo citações, alusões e referências aos demais textos. Podemos dizer, portanto, que os gêneros produzidos, em conjunto, forjam um debate, em que os textos em si são os argumentos alternantes.

2.2 Análise Intertextual dos exemplares

Nos exemplares examinados, pudemos constatar instâncias de intertextualidade marcada, e não marcada, entre as notícias em si, entre as notícias e os outros gêneros (artigos, reportagens, e editorial). Os artigos de opinião examinados, bem como o editorial e as reportagens fazem alusão às notícias veiculadas sobre o evento, seja de forma mais explícita ou mais velada. Vejamos alguns exemplos:

- a. “A indignação em torno da obra”⁴;
- b. “A imprensa foi unânime em atacar o livro didático. [...] Os mais espevitados já viram aí um plano maligno do governo do PT [...] Outros, mais comedidos, apontaram a temeridade pedagógica”⁵;
- c. “A tese não é nova, já foi rechaçada pela Academia Brasileira de Letras”⁶;
- d. “Corre pela imprensa e pela internet uma polêmica”⁷.

Em *a.* faz-se uma referência às notícias que veicularam reações daqueles que se mostraram indignados com a adoção do livro. Em *b.* faz-se alusão às notícias que cobriram comentários sobre o viés político-ideológico do livro e sobre a questão pedagógica especificamente. Em *c.* faz-se referência às notícias que cobriram a crítica da Academia

⁴ Trecho de reportagem veiculada em 21/05/2011, Gazeta do Povo Online, disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1128255&tit=Para-onde-caminha-a-lingua-portuguesa>

⁵ Trecho de artigo de opinião veiculado em 16/05/2011, Folha de São Paulo Online, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/916634-uma-defesa-do-erro-de-portugues.shtml>

⁶ Trecho de editorial veiculado em 18/05/2011, Estado de São Paulo Online, disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-pedagogia-da-ignorancia,720732,0.htm>

⁷ Trecho de artigo veiculado em 19/05/2011, Gazeta do Povo Online, disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/conteudo.phtml?tl=1&id=1127433&tit=Polemica-vazia>

Brasileira de Letras ao livro. Finalmente, em *d.* faz-se alusão aos demais textos (notícias, dentre eles, claro) publicados e veiculados sobre o tema. A partir desses exemplos, podemos dizer que os artigos de opinião (o editorial e as reportagens) partiram das notícias para fazer seus comentários, porém as notícias, mesmo que se apoiando em falas diversas e dialogando (no sentido dialógico de Bakhtin) com diferentes posicionamentos, não se apoiam explicitamente em outros textos publicados na imprensa, como vimos acontecer nos outros exemplares.

Outro aspecto intertextual que permeia as notícias é mais sutil e poderia apenas ser inferido na leitura completa do *corpus*. Aqui, postulamos uma tese de que a intertextualidade nessa conjuntura se sustentou primariamente na retomada de posicionamentos, e não necessariamente dos textos em si que concretizam esses posicionamentos. Tomemos como exemplo, a ideia de “defesa”, que aparece (como verbo “defender”, como substantivos “defesa” e “defensores”) em grande parte das notícias (09 em 14) dos três veículos noticiosos para qualificar a atitude de todos aqueles que estão a favor das teorias linguísticas representadas pelo livro didático e dessa forma, realizar um enquadramento⁸ do evento (grifos nossos):

- a. “Livro adotado pelo MEC *defende* ‘erro’”⁹;
- b. “Editora emite nota em *defesa* de livro do MEC”;
- c. “A obra [...] criou polêmica ao *defender* o uso de variantes”¹⁰;
- d. “Os *defensores* da obra dizem que não há certo e errado em linguística”¹¹;
- e. “Haddad saiu em *defesa*”.¹²

A retomada tácita e recorrente desse termo (e sua carga semântica) por grande parte das notícias indica certo enquadramento do evento e pode ser decorrente da hegemonia do discurso jornalístico, revelada pelo exame intertextual dos exemplares. A recorrência do termo aponta para uma visão quase uniforme do tema em debate, baseada no pressuposto de que o livro (e as teorias linguísticas que o embasam) é passível de defesa, ou seja, intrinsecamente faltoso ou necessitando de justificativa.

Os artigos de opinião em que enquadramento “defesa” é retomado, incluindo o um editorial que foi encontrado, incorporam este termo sem aspas ou qualquer outra marcação, ou seja, como parte integrante do discurso ali concretizado. O interessante é que todos esses artigos se posicionam contra o livro didático e as teorias que representa. A utilização do termo por estes colunistas, escritores, professores, etc., portanto, é indicadora do alinhamento com as notícias que também empregam o termo “defesa” e da retomada desses outros textos para embasar sua opinião. Podemos especular que por esse motivo o termo não figura nos artigos que se posicionam a favor das ideias discutidas no livro didático. Dessa forma, um texto está presente em outros textos (seja do mesmo gênero ou não) através do uso recorrente de um

⁸ Lançamos mão da noção de enquadramento sugerida por McCombs (2009) para descrever as formas em que as notícias organizam o pensamento. Para o autor, os enquadramentos (entendidos como processos ou como produtos discursivo-cognitivos) são formas de estruturar *como* pensar sobre algo ou alguém.

⁹ Título de notícia veiculada em 13/05/2011, Estado de São Paulo Online, disponível em

<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,livro-adotado-pelo-mec-defende-erro,718533,0.htm>

¹⁰ Título e trecho da notícia veiculada em 18 de maio de 2011, Estado de São Paulo Online, disponível em

<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,editora-emite-nota-em-defesa-de-livro-do-mec,721036,0.htm>

¹¹ Trecho da notícia veiculada em 31 de maio de 2011, Folha de São Paulo Online, disponível em

<http://www1.folha.uol.com.br/saber/923386-ministro-compara-critica-de-livro-didatico-polemico-a-fascismo.shtml>

¹² Trecho da notícia veiculada em 01 de junho de 2011, Gazeta do Povo Online, disponível em

<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1132083&tit=Haddad-diz-que-criticas-a-livro-sao-fascistas>

termo que enquadra o tema abordado. Fica claro, portanto, que os gêneros que surgiram a partir de um evento, estão imbricados, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, alterando a funcionalidade de cada um, quando vistos em conjunto.

3. Que tipo de agrupamento temos?

Tomaremos como ponto de partida as 05 categorias de reflexão colocadas por Spinuzzi (2004) para pensar sobre a adequação de um ou outro conceito de agrupamento de gêneros: (i) *perspectiva* (individual ou comunitária), (ii) *modelo de ação* (comunicativa ou mediadora), (iii) *agência* (simétrica ou assimétrica), (iv) *relação entre gêneros* (sequencial ou sobreposta) e (v) *evidenciação de gêneros* (se há espaço para análise de todos os gêneros produzidos “oficiais” e “não oficiais”)¹³.

Em termos da perspectiva necessária de se adotar para que possamos analisar os gêneros do *corpus* agrupados, é bastante óbvio que o conceito deve atender a uma visão comunitária, já que apenas um indivíduo não é autorizado a produzir todos os gêneros. Assim, um jornalista normalmente produz a notícia e talvez uma reportagem para cobrir maiores detalhes da notícia – como as opiniões de diversas partes sobre o tema – e um colunista (“especialista” ou outra pessoa cuja opinião é considerada de prestígio) produz o artigo de opinião. Já o editorial deve ser redigido por um grupo de pessoas que ocupam uma posição mais elevada dentro da instituição jornalística, e jamais é assinado. Sendo assim, não se trata de um conjunto de gêneros, pois, de acordo com Bezerra (2011, p. 604), “o conceito de conjunto de gêneros apresenta um foco no indivíduo”, o que não é o caso em nosso estudo.

A noção de sistema de gênero, proposta por Bazerman (2004), parece remediar essa questão ao postular que esses sistemas seriam compostos por “diversos conjuntos de gêneros de pessoas que atuam coletivamente de forma organizada, acrescidos das relações padronizadas na produção, circulação e uso desses documentos” (*apud* BEZERRA, 2011, p. 604). Porém, apesar de nas instituições jornalísticas as pessoas atuarem de forma coletiva e organizada, de manterem relações padronizadas de produção, não podemos dizer que essas práticas são estanques ou sedimentadas. Além disso, Spinuzzi (2004) ressalta que “*cada gênero [em um sistema de gêneros] é pré-requisito para que o próximo gênero seja produzido e usado*”¹⁴. O que não é necessariamente o caso para os gêneros notícia, artigo de opinião, editorial e reportagem. Em geral, podemos dizer que é possível realizar apenas a reportagem, por exemplo, não necessariamente em seguida a uma notícia que trate do mesmo evento na mesma edição. Porém, como ilustramos na seção sobre intertextualidade, a notícia parece ter um papel central na emergência dos outros gêneros. A retomada e alusão às notícias pelos artigos, pelo editorial e pelas reportagens apontam para este gênero prototípico jornalístico como ponto de partida para os demais. Contudo, não podemos dizer que essa progressão foi sequencial, como deveria ser dentro de um sistema de atividades.

No caso estudado, nos concentramos nos “produtos” finais dos jornalistas, editores e colunistas, ou seja, nos gêneros que chegaram a ser publicados. Como a proposta não era de uma investigação etnográfica, não foi possível constatar se houve de fato a passagem por outros gêneros (ocultos, como diria Swales (2004)) no caminho para a publicação, fato do qual decorre que, em nossa análise, os gêneros estudados são apenas os “oficiais”, nos termos de Spinuzzi (2004). Porém, podemos especular que, complementando-se este estudo com uma investigação etnográfica dos ambientes jornalísticos em questão, ficariam visíveis também gêneros “não oficiais”. Portanto, podemos admitir que para esse agrupamento, o conceito adotado deve poder dar visibilidade aos gêneros “oficiais” e “não oficiais”.

¹³ No original, respectivamente: *perspective, model of action, agency, relationship between genres, foregrounded genres* (p. 02).

¹⁴ “Each genre is required in order for the next one to be produced and used.” (p. 03)

Por fim, cabe comentar sobre qual seria o modelo de ação realizado por esses gêneros. Segundo Bezerra (2011, p. 606), num modelo de ação mediadora,

os gêneros se relacionam entre si através de intrincadas teias ou camadas sobrepostas, não podendo ser descritos como puramente sequenciais ou puramente sobrepostos. Antes, predomina uma relação dinâmica em que os gêneros se mostram capazes de se adaptar às exigências em cada caso. Dessa forma, os gêneros não são simplesmente realizados ou comunicados, mas representam o próprio pensamento da comunidade no momento em que executa uma determinada atividade.

Apesar de as relações entre os gêneros examinados não serem puramente sequenciais ou sobrepostas, e de manterem uma relação dinâmica entre si, ainda prevalece uma relativa estabilidade das relações entre esses gêneros dada a instituição, já bem estabelecida, em que operam (o jornal). Talvez por esse motivo, não seria adequado ver os gêneros em questão como “capazes de se adaptar às exigências em cada caso”. Parece-nos que as relações estabelecidas entre os gêneros coletados compõem mais do que ações comunicativas, porém, não podemos atestar a uma total relação constitutiva tampouco, entre os gêneros e as atividades que desempenham.

Adair Bonini (2011) sugere outro conceito para agrupamento de gêneros – relação genérica, podendo esta ser de quatro tipos: hipergenérica, midiática, em sistema e comunitária. Em seu estudo, ele descreve como os gêneros do jornal formam um agrupamento, o jornal impresso, que ele considera como um hipergênero. Essa conclusão se baseia no fato de que cada edição do jornal impresso pode ser tomada como um gênero em si, ao atender às condições de gênero/enunciado postuladas por Bakhtin: apresentar formas típicas de composição, apresentar um projeto de discurso, apresentar conclusibilidade, e apresentar um modo *dixi*, incitando a resposta do outro. Essa seria uma forma bastante plausível de agrupar os gêneros aqui vistos, não fosse pela última característica apontada. O jornal impresso possui um início (capa) e fim (última página). Já no caso do jornal *online*, as edições são mais fluidas, o modo de produção é contínuo e se há, não é bastante claro o ponto de início e o ponto final de determinada edição. Dessa forma, o conceito de hipergênero perde sua aplicabilidade ao nosso *corpus*, mas abre portas para novas investigações a partir do conceito de relação de gêneros sugerido pelo autor no ambiente virtual.

Podemos concluir previamente que nenhum conceito dos que foram tratados até aqui abarcaria por completo as relações estabelecidas entre os referidos gêneros na conjuntura em que se encontram. Talvez fosse necessário um estudo mais aprofundado das próprias práticas jornalísticas do ponto de vista de um membro da comunidade (um jornalista, por exemplo) para complementar esse estudo. Como o nosso intuito foi de tentar observar como, do ponto de vista de um leitor, esses gêneros interagem, com segurança, podemos apenas lançar mão de um conceito descritivo do agrupamento desses gêneros. Acreditamos que o conceito de redes de gêneros, apresentado por Swales (2004), é bastante útil nesse sentido, pois procura:

se referir às relações entre os gêneros e o ambiente ou comunidade em que circulam, entre os gêneros e seus respectivos usuários, ou ainda entre os próprios gêneros, tendo em comum o fato de que não rotulam um grupo específico, delimitável, de gêneros, mas dizem respeito a uma gama virtualmente inumerável de artefatos genéricos. As relações entre esses gêneros podem ter um caráter intertextual ou interdiscursivo, mas essas relações não definidas (*sic*) de forma a se obter conceitos metodologicamente operacionais (BEZERRA, 2011, p. 609).

O conceito de redes de gêneros, portanto, é bastante maleável, e talvez por isso mesmo seja o mais adequado para descrever a constelação sempre mutante de gêneros disponíveis no domínio jornalístico (especialmente o domínio jornalístico *online*).

Considerações finais

Os gêneros jornalísticos tem sido objeto de análise e discussão há bastante tempo em diferentes linhas de estudos. Normalmente, em termos de estudos de gêneros, são analisados separadamente, a fim de identificá-los ou tentar classificá-los de alguma forma. Alguns estudos, porém, têm avançado ao examinar tanto as propriedades dos gêneros em si, como suas relações com as instituições jornalísticas em que são produzidos, e até o meio social em que essas instituições atuam. Os trabalhos de Adair Bonini e colaboradores, por exemplo, tem se mostrado bastante produtivos neste sentido. Neste estudo, ao abordar os gêneros artigo de opinião, notícia, editorial e reportagem (de opinião) em conjunto, desvendamos alguns aspectos de seu funcionamento, que, quando vistos isoladamente, podem passar despercebidos.

Segundo Koch (2003, p. 62), “No caso da mídia jornalística, mormente em se tratando de fato de grande relevância nacional ou internacional, o noticiário propriamente dito é complementado por editoriais, matérias opinativas e outras”. Apesar de a autora estar tratando da leitura hipertextual de notícias de jornal (e não das relações entre os gêneros citados), podemos dizer que essa visão de complementaridade é bastante difundida no senso comum. Há uma tendência a ver a reportagem, o editorial e o artigo de opinião como simples complemento da notícia. Porém, como vimos através da análise intertextual e interdiscursiva dos gêneros reunidos, a relação que se estabelece entre eles parece ser de natureza mais constitutiva, ou seja, um gênero ajuda a constituir o outro e vice-versa. Claro que isso não acontece livremente e sem regulação, afinal as instituições jornalísticas são como são e tem o prestígio que tem em parte por manterem a integridade de suas práticas e de seus gêneros. Porém, não se pode ignorar as relações constitutivas observadas por exemplo, no presente trabalho.

Quando vistas em separado, as notícias não parecem apresentar nada de novo nem diferente do que é esperado pelo senso comum. Ao serem abordadas junto aos artigos de opinião, reportagem e editorial, notamos como incorporam aspectos ou estilo retórico de um debate, ou seja, ganham novos ares de texto argumentativo. Por outro lado, os artigos, editorial e reportagens que parecem manter seus posicionamentos autônomos (sejam eles a favor ou contra a adoção do livro), em conjunto, tendem a reforçar a visão hegemônica da grande mídia.

Referências bibliográficas

ACADEMIA critica livro do MEC que defende erros de português. *Folha de São Paulo*. 16 mai. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/916650-academia-critica-livro-do-mec-que-defende-erros-de-portugues.shtml>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

AÇÃO pede retirada de livro polêmico. *Gazeta do Povo*. 30 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1131716&tit=Acao-pede-retirada-de-livro-polemico>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

ALVES, Adilson. Concordâncias e discordâncias sobre o livro do MEC. *Gazeta do Povo*. 23 mai. 2011. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1128776&tit=Concordancias-e-discordancias-sobre-o-livro-do-MEC>> . Acesso em: 07 jul. 2012.

_____. Língua e ascensão social. *Gazeta do Povo*. 06 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1133876&tit=Lingua-e-ascensao-social>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 279-287.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: BAZERMAN, Charles; DIONISIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Orgs.). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46.

BEZERRA, Benedito Gomes. Agrupamentos de gêneros: discutindo terminologias e conceitos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 7, 2011, Curitiba. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba: UFPR, 2011. p. 602-610. Disponível em: <http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/> Acesso em: 15 jul. 2012.

BHATIA, Vijay. A Análise de gêneros hoje. Tradução Benedito Gomes Bezerra. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe, 2009. p. 159-195.

BONINI, A. O Conhecimento de jornalistas sobre gêneros textuais: um estudo introdutório. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, volume 2, número 1, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0201/01.htm>> Acesso em: 15 jul. 2012

_____. The Distinction between news and reportage in the Brazilian journalistic context: a matter of degree. In: BAZERMAN, Charles; BONINI, Adair; FIGUEIREDO, Débora. *Genre in a changing world*. Colorado: The WAC Clearinghouse; Indiana: Parlor Press, 2009. p. 196-222.

_____. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.

CARAZZAI, Estelita H. Associação Brasileira de Linguística defende livro do MEC. *Folha de São Paulo*. 21 mai. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/919034-associacao-brasileira-de-linguistica-defende-livro-do-mec.shtml>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

CASTOR, Belmiro V. J. Para que “cerve” a escola? *Gazeta do Povo*. 22 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1128512&tit=Para-que-cerve-a-escola>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

COSTA, Rosa. Senadores tucanos pedem medidas contra livro do MEC. *Estado de São Paulo*. 25 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,senadores-tucanos-pedem-medidas-contra-livro-do-mec,724033,0.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

CRISTOVAM Buarque critica livros didáticos que admitem ensino com erros de gramática. *Estado de São Paulo*. 16 mai. 2011. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,cristovam-buarque-critica-livros-didaticos-que-admitem-ensino-com-erros-de-gramatica,719974,0.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

DI FRANCO, Carlos Alberto. MEC não quer ensinar. *Gazeta do Povo*. 30 mai. 2011.

Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/conteudo.phtml?tl=1&id=1131230&tit=MEC-nao-quer-ensinar>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UnB, 2001.

GOIS, Antônio. MEC descarta regra do "jeito certo" de falar desde 1997. *Folha de São Paulo*. 18 mai. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/917311-mec-descarta-regra-do-jeito-certo-de-falar-desde-1997.shtml>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

KOCH, Ingedore. Os gêneros do discurso. In: *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 53-60.

KRAMER, Dora. Por uma vida pior. *Gazeta do Povo*. 17 mai. 2011. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1126682&tit=Por-uma-vida-pior>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

LIVRO de alfabetização não prega erro gramatical, diz ministro. *Folha de São Paulo*. 31 mai. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/923265-livro-de-alfabetizacao-nao-prega-erro-gramatical-diz-ministro.shtml>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

LIVRO distribuído pelo MEC defende errar concordância. *Folha de São Paulo*. 14 mai 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/915795-livro-distribuido-pelo-mec-defende-errar-concordancia.shtml>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

LOPES, Eugênia. Haddad disse que não vai recolher o livro polêmico. *Estado de São Paulo*. 18 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,haddad-disse-que-nao-vai-recolher-o-livro-polemico,720924,0.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

_____. Livro que tolera erros na fala não será recolhido. *Estado de São Paulo*. 19 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,livro-que-tolera-erros-na-fala-nao-sera-recolhido,721123,0.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

McCOMBS, Maxwell. *A Teoria da agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MILAN, Polianna. Use a fala (e vista-se) de acordo com cada ocasião. *Gazeta do Povo*. 21 mai. 2011. Disponível em:

<<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1128256>> . Acesso em: 07 jul. 2012.

MOURA, Rafael M. Defensoria quer recolhimento de livro polêmico. *Estado de São Paulo*. 31 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,defensoria-quer-recolhimento-de-livro-polemico,725990,0.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

_____. Críticos adotam 'viés fascista', diz Haddad. *Estado de São Paulo*. 01 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,criticos-adotam-vies-fascista-diz-haddad,726461,0.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

ONG diz que livro distribuído a escolas não ensina erros. *Folha de São Paulo*. 18 mai. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/917423-ong-diz-que-livro-distribuido-a-escolas-nao-ensina-erros.shtml>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

POSSENTI, Sírio. Analisar e opinar. Sem ler. *Estado de São Paulo*. 22 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,analisar-e-opinar-sem-ler,722479,0.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

SARDENBERG, Carlos Alberto. Se pelo menos ensinassem Português. *Estado de São Paulo*. 16 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,se-pelo-menos-ensinassem-portugues,719641,0.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

SETUBAL, Maria Alice; ERNICA, Maurício. Artigo: 'A batalha da língua na guerra das culturas'. *Estado de São Paulo*. 18 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,artigo-a-batalha-da-lingua-na-guerra-das-culturas,720978,0.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

SPINUZZI, Clay. Describing assemblages: genre sets, systems, repertoires, and ecologies. *Computer Writing and Research Lab, White Paper Series*, p. 1-9, 2004.

SWALES, John M. Toward a world of genre. In: SWALES, John M. *Research genres: exploration and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 01-32.

TEZZA, Cristovão. O Poder do erro. *Gazeta do Povo*. 24 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1129095&tit=O-poder-do-erro>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

TORQUATO, Gaudêncio. A "espertocracia" educacional. *Estado de São Paulo*. 22 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-espertocracia-educacional,722417,0.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

VALVERDE, Belmiro. Nada vai tão mal que não possa piorar. *Gazeta do Povo*. 05 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1133674&tit=Nada-vai-tao-mal-que-nao-possa-piorar>>. Acesso em: 07 jul. 2012.

VAN DIJK, Teun A. *News as discourse*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1988.